
A FESTA DO BOI-BUMBÁ E A REPRODUÇÃO DA CULTURA POPULAR*

Rosângela Gomes da Silva**

Resumo: o texto busca oferecer uma descrição da história da Festa do Boi-Bumbá na cidade de Parintins - Estado do Amazonas, relacionada com as tradições culturais e religiosas no Brasil. Por este motivo, apresenta-se uma abordagem dos elementos simbólicos dessa festa de caráter popular, busca evidenciar que o sincretismo é uma forma de resistência cultural na qual, com elementos distintos, constroem-se novas formas culturais.

Palavras-chave: Festa do Boi-Bumbá. Cultura Popular. Tradições Culturais.

Dentre as manifestações da cultura popular em termos de Brasil, a história mostra que a cultura amazônica está influenciada em primeira instância pela cultura do caboclo que recebe importante influência dos povos indígenas. Evidencia-se, como exemplo de demonstração da cultura dos amazonenses, a Festa do Boi-bumbá de Parintins-AM¹. Tal festa, através de suas alegorias e estruturas artísticas, apresenta cenas do cotidiano da vida do caboclo e indígena, como por exemplo, pequenas embarcações e canoas transportando ribeirinhos; na representação teatral incluem também momentos de simulação do trabalho dos pescadores, dos jaticultores e dos agricultores dentre outros momentos do cotidiano social amazônico, como o beneficiamento da mandioca, fazendo a farinha; também são inseridas as danças e costumes das populações indígenas. Nesse contexto exige-se dos protagonistas um conhecimento dos diferentes grupos indígenas, históricos ou atuais para retratar adequadamente a vida social dessas populações.

Essa manifestação cultural no passado era manifestação predominantemente masculina, mas nos dias atuais a presença feminina é cada vez maior. A festa agrega um grande número de participantes tanto das áreas adjacentes ao Município de Parintins como de moradores de Manaus, Capital do Estado do Amazonas, que transformaram as apresentações em uma celebração conhecida como Festival Folclórico de Parintins.

Seu ponto culminante está nas apresentações dos Bumbás, Garantido e Caprichoso, ambos representam o Boi-bumbá Amazônico. É esta uma das manifestações culturais que atualmente representa o Brasil no exterior e que faz parte do ciclo de festas juninas do calendário oficial do Estado, sendo realizada anualmente nos últimos dias do mês de junho na cidade de Parintins/AM.

Em vista do crescimento e sucesso da Festa, frequentemente a Cidade de Manaus e o Município de Parintins recebem pessoas vindas de várias partes do Brasil e mesmo do exterior, nem sempre familiarizadas com os elementos da cultura regional amazônica, entretanto, tornando-se espectadores entusiasmados pelas apresentações dos bois-bumbás.

Entretanto, cabe ressaltar que com a influência urbana da grande cidade de Manaus e dos meios de comunicação de massa, a Festa do Boi-bumbá também vem sofrendo variações em contato com a modernidade. Porém, seus organizadores e habitantes de Parintins e das pequenas comunidades ao redor do município conservam muito da cultura ribeirinha, indígena e cabocla ao valorizar os contos, histórias e as fábulas das matrizes regionais. Tais características favorecem significativamente a formação e a construção da identidade cultural do povo da região.

Segundo Orlando Diniz, Presidente do SESC, Rio (2000), a Festa no Amazonas é a manifestação popular mais famosa do auto do boi, “nela estão sua compreensão do mundo, seu relacionamento com o passado e suas esperanças para o futuro”. O aspecto marcante da festa tem como ponto forte as narrativas míticas e as lendas. De acordo com Valentin (2005, p.20) a festa possui características próprias:

[...] esse crescimento vigoroso, na década de 90, reforçou, também, a construção de uma nova identidade cultural no Amazonas. O resgate da cultura indígena e cabocla, através de seus hábitos, costumes, lendas e mitos, apresentados e massificados pelos bumbás, promoveram novos sentimentos de pertencimento e herança cultural. Vêm mostrando a história da Amazônia, vêm despertando a conscientização da preservação do meio ambiente, das causas indígenas, da condição da mulher. Hoje, os amazonenses

se sentem orgulhosos de fazer parte, física e culturalmente, desse universo que consideram único e peculiar.

Contudo, em certas ocasiões ocorre um distanciamento entre a cultura popular local e as características que a festa vai adquirindo pela absorção provocada pelas práticas do turismo ou mesmo pelos meios de comunicação de massa.

A FESTA COMO MANIFESTAÇÃO DA CULTURA POPULAR

Para desenvolver a análise de nosso tema se faz necessário à conceituação do termo festa. Conforme escreve Amaral, os conceitos de festa para dois teóricos das Ciências Sociais são:

a experimentação momentânea da sociedade sem regras, livre de um dado modo de organização, tendo a função de *reiterar* ou de *negar* o modo pelo qual uma sociedade se organiza num dado momento histórico, através da dissolução temporária que o desregramento permite. Ela reiteraria (Durkheim, 1968) a organização social ao tornar perceptível a imprescindibilidade das regras limitadoras a fim de que a sociedade não se dissolva no caos e anomia da qual a festa costuma ser o exemplo. Ou, por outro lado, “negaria” (Caillois, 1950) esta mesma organização através do desregramento, para afirmar a utopia da sociedade ideal, nova, na qual a alegria e a interação total com a própria natureza humana, sejam o modelo do viver pleno e feliz. A utopia do retorno ao Paraíso primordial (AMARAL, 1996).

É necessário compreender que essas teorias, segundo Amaral (1996), partem do conceito de festa das sociedades simples nas quais os valores culturais podem ocorrer homogeneamente, ao contrário das sociedades complexas onde as existências de vários grupos defendem seus valores específicos. Por outro lado, percebe-se que elas revelam os aspectos históricos dos grupos que a ensejam, pois, sabe-se que muitas são reguladas por suas tradições culturais e em muitos casos pela própria religiosidade do povo.

Um outro pesquisador traz como conceito:

A festa é uma necessidade social em que se opera uma superação das condições normais da vida [...] é um acontecimento que se espera, criando-se assim uma tensão coletiva agradável, na esperança de momentos excep-

cional [...] a festa é a expressão de uma expansividade coletiva, uma válvula de escape ao constrangimento da vida cotidiana (BIROU, 1966, p.166).

Neste contexto, entende-se que a festa é uma necessidade social dos indivíduos na busca das superações das diversidades condicionais dos acontecimentos e das expressões nos diversos grupos sociais. O mesmo autor acrescenta ainda que “[...] surgem às manifestações de excesso nos mais ricos por ostentação, nos mais pobres por compensação”. Já para Araújo (1973) a festa tem duplo sentido: “mágico e comunitário”:

Há na aurora das festas aquela preocupação mágica de agradecer a natureza ou suplicar para que ela, entidades supra terrenas ou divindades, não permitam as pragas danos ou malefícios nas plantações, praticando, portanto ritos protetores e produtivos. A festa inter relaciona-se não só com a proteção, mas também com os meios de trabalho, exploração e distribuição, ela é portanto conseqüência das próprias forças produtivas da sociedade, por outro lado é uma poderosa força de coesão grupal, reforçadora da solidariedade vicinal cuja as raízes estão no instinto biológico da ajuda nos grupos familiares (ARAÚJO, 1973, p.11).

Diante dos conceitos apresentados percebe-se a correlação entre o pensamento dos autores para os quais festejar tem a função de agradecer, de pedir proteção, renovar os laços sociais, manter as tradições culturais que podem ser desenvolvidas por diferentes classes e em diferentes regularidades.

No Brasil este conceito de festa reflete bem as manifestações da cultura popular que marca significativamente as expressões da vida comunitária nas diversas regiões do país. Um outro aspecto das festas de caráter coletivo é que em geral todas comemoram ou celebram algo significativo e por isso são eventos paradigmáticos que justificam sua importância na comunidade que a enseja com destaque aqui a ‘Festa do Boi-bumbá no Amazonas’ que ao longo de sua trajetória vem determinando evidentemente modificações importantes na vida dos habitantes da região.

Ressaltamos que a Festa do Boi-bumbá, enquanto expressão da religiosidade, da arte, dos rituais, das danças, das músicas (toadas), das representações que se expressam de várias formas, compõe um quadro muito complexo e abrangente. Nessa abrangência apresentam convergências e contrastes de posicionamentos em torno do folguedo da brincadeira do boi, que fazem sentido e expressam os estilos de vida, visão de mundo e o ethos daquela região.

Nesse sentido, de acordo com Braga (2002) podem-se associar as representações simbólicas da coroação do *Reinado dos Congos com embaixada* e os *Cucumbis as múltiplas manifestações do Auto do Boi-bumbá* no Amazonas.

[...] pode-se associar o Reinado de Congos com embaixada e os Cucumbis às múltiplas manifestações do boi-bumbá ou bumbá-meu- boi no Brasil, posto que apresentam aspectos análogos no que se refere à música e dança do batuque, as características de embaixada ou ‘dança dramática’, além da incorporação do tema da morte e ressurreição na encenação do boi, na perspectiva de uma suposta guerra justa, opondo fé católica e infidelidade religiosa, nas figuras de escravos africanos, índios e brancos colonizadores do Brasil (BRAGA, 2002, p. 216).

Essa compreensão pode ser confirmada por outras afirmações:

Pelos portugueses veio o folguedo que ganhou auto no Nordeste brasileiro, provavelmente em Pernambuco ‘há, no entanto, quem diga que no Maranhão o bumba surgiu primeiro’. Fruto do apelo da mestiçagem sofrida, dos engenhos de cana e das fazendas de gado, o bumba-meu-boi teceu sua trama. [...] Trazido pelos nordestinos que subiam o rio Amazonas, acometidos da febre da borracha, no final do século passado, o bumba chega à Amazônia. Foi chegando e sentindo o impacto da floresta - sua magia capaz de transformar pessoas, mudar a história e enriquecer folguedos. Curva-se diante de sua ‘Nova Majestade’, e os três Reis Magos para os quais ele dançava no Nordeste, cedem lugar a três santos católicos: Santo Antônio, São Pedro e São João. [...] Prosseguem as alterações. O negro começa e cede lugar ao caboclo. O canto vai mudando e o verso vai substituindo o linguajar africano por um português regional (ASSAYAG, 1995, p. 32-3).

Em relação a essas modificações apresentam-se grupos que fazem severas críticas ao evento pelas perdas de antigas tradições, valendo-se da importância da festa na cultura popular em oposição a outros grupos que mostram as vantagens desses acréscimos e modificações.

Por outro lado, esse aspecto do auto popular da brincadeira do Bumba-meu-boi ou Boi-bumbá, fenômeno cultural existente em várias regiões do Brasil com seu caráter lúdico e polivalente apresentam as mediações míticas e simbólicas decorrentes de diferentes etnias que trazem questões amplas em torno das ambivalências das categorias étnicas e sociais básicas da história do Brasil: o branco, o negro e o índio.

Também, é conveniente salientar que o tema proposto sobre a morte e ressurreição do boi fornece ao folguedo uma estrutura básica, um eixo central, entretanto, essa estrutura básica não é capaz de explicar completamente o folguedo. A ela logo se acrescentam invariavelmente o improviso, a fragmentação e a criatividade.

De acordo com Soares (1978) ao pesquisar sobre uma dança de Boi realizada no ano de 1871 com a finalidade de comparar com estudos dos últimos anos, afirma que:

[...] Isto ocorreu em 1871. Cento e seis anos são passados e a brincadeira de Boi continua ativa até a época atual. A despeito mesmo da evolução natural do tempo, a sua origem permanece, sendo valorizada pelo espírito de criatividade do povo [...] Bumba-meu-boi, conforme assinalamos em três repetições na descrição, fomos encontrá-lo em 1968, para surpresa nossa, em Jaraguá do Sul, zona ítalo-teuta de Santa Catarina, onde as figuras quase todas se apresentam em duplas. [...] Bumba-meu-boi, Boi-de-pano e, finalmente Boi-de-mamão. Não se pode precisar o ano em que houve essa mudança de nome, mas que existiu não se discute (SOARES, 1978, p.5).

Conforme os registros, constatamos o ânimo festivo popular que sucedem sobe designações simbólicas variadas em torno do folguedo do boi em diferentes regiões. Para Tinhorão (2000) as primeiras festas de caráter coletivo no Brasil caracterizam-se pela forma autoritária com que se deu a transposição dos valores ibero-europeu oficial e religioso, pela incapacidade de controlar a participação da cultura dos nativos e dos escravos africanos que eram colocadas sempre à margem das festividades de caráter público. Entretanto, iriam infiltrando-se pelos desvãos dos rituais civis e religiosos acabando por transformar em diversão pessoal e coletiva do que lhes eram apresentados como eventos oficiais ou de devoção.

No universo da cultura popular e da religiosidade brasileira encontramos a mistura entre brancos, negros, índios e mestiços. Nesse contexto muitas vezes abrangem um campo conflituoso onde os injustiçados não vêem a quem recorrer, a esperança transfere a realidade para o mundo da utopia, onde as festas de caráter coletivo transformam-se em verdadeiras manifestações culturais. Entretanto, a geração atual nem sempre conhece genuinamente o interno (nascidouro) das festas populares brasileiras, as quais se apresentam tão ricas de inúmeras informações relacionadas ao campo sócio-político-cultural que nos liga ao passado e ao futuro.

O SURGIMENTO DA FESTA DO BOI-BUMBÁ NA AMAZÔNIA

A história mostra que o auto popular da brincadeira do Boi ao se disseminar por várias regiões do Brasil foi assumindo nomes e formas diversas. No Amazonas essa manifestação cultural chegou por meio da migração nordestina no fim do século XIX durante o período áureo da produção da borracha. A brincadeira de rua adaptou-se ao contexto próprio da região passando a se chamar Boi-bumbá. Atualmente o folguedo é conhecido na região como o “Festival Folclórico de Parintins”.

Outro aspecto importante da natureza da Festa no Amazonas é que ela teve sua expansão no Município de Parintins, uma pequena cidade localizada à margem direita do rio Amazonas em uma área distante de Manaus capital do Estado 370 km em linha reta e 420 km por via fluvial próximo à divisa com o Estado do Pará, numa região conhecida como arquipélago das Ilhas Tupinambaranas repleta de sítios arqueológicos.

Os dados da pesquisa evidenciam que existem relatos os quais narrram alguns acontecimentos da época do seu surgimento na região, “enquanto os magnatas da borracha assistiam óperas internacionais no Teatro Amazonas localizado na cidade de Manaus o povo produzia a cultura nativa nas ruas”². Cabe ressaltar que a matriz original é basicamente a mesma verificada em outras regiões do país, que circulam em torno de uma trama de morte e ressurreição do precioso boi. Entretanto, sua evolução foi sendo ressignificada, adaptando-se a ela elementos da cultura amazônica.

Segundo o historiador Andréas Valentin (2005, p.90), a descrição da brincadeira do boi no Brasil aparece pela primeira vez “em 1840, em um artigo publicado no jornal *O Carapuceiro* em Recife” escrito pelo frei “Miguel do Sacramento Lopes Gama”. E o Boi Amazônico aparece pela primeira vez em 1850 “no jornal *A Voz Paraense* em Belém-PA”, descrevendo o “Boi Caiado de Belém” como sendo “o mais terrível folguedo de escravos compartilhado por mais de trezentos moleques pretos, pardos e brancos de todos os tamanhos”.

De acordo com Valentin, pesquisadores da origem do Boi-bumbá de Parintins também admitem essas datas como as primeiras descrições do auto popular da brincadeira do boi na Amazônia. Simão Assayag (1995, p.31) chama a atenção para o fato que do nordeste vem à memória histórica do auto popular da brincadeira do boi, o qual frei Lopes Gama foi o primeiro a registrar no ano de 1840. A manifestação popular de origem nordestina chegou à ilha de Parintins, no Amazonas, de barco. O autor acrescenta ainda:

De barco, sim, como chegava tudo por aqui. Menos o índio, que podia vir caminhando do centro da mata sol a sol. Aliás, ele chegou primeiro; já estava lá, quando o bumba chegou. Desde então o boi e índio argamassaram uma parceria, feita no dia-a-dia do povo da ilha.

Na cidade de Manaus capital do Estado do Amazonas as primeiras descrições do folguedo é a do médico alemão Robert Avé-Lallénante em 1859. De acordo com Valentin (2005, p.91) o médico descreveu a manifestação em minuciosos detalhes. Assim, registrou:

Um cortejo... em homenagem a S. Pedro e S. Paulo. Chamaram-no 'bumba'. Havia dançarinos, batuque, pajé e o boi que morre e ressuscita: não um boi real, e sim um enorme e leve arcabouço de um boi, de cujos lados pendiam uns panos, tendo na frente dois chifres verdadeiros. Um homem carregava essa carcaça na cabeça, e ajuda assim a completar a figura de um boi de grande dimensão.

Para o autor a partir da segunda metade do século XIX o Boi-bumbá ou bumba-meu-boi já se encontrava amplamente disseminado por várias regiões do território brasileiro.

Para o folclorista Saunier a população da Ilha Tupinambarana em função da sua história e de seu imaginário já propiciava um ambiente favorável e ideal para receber uma manifestação popular ou um ritual folclórico como o Boi-bumbá. O autor também apresenta as possíveis datas de fundação dos dois grupos de bumbá:

O Caprichoso nasceu em Manaus, em 1912 e foi trazido a Parintins, em 1913, pelo Sr. Emídio Rodrigues Vieira. Foram seus iniciadores no boi, Luiz Gonzaga, José Leocádio, Emílio Silva, os irmãos Cid: Raimundo, Pedro e Felix cearenses, naturais de Crato, e tantos outros. Uma versão aponta que quem trouxe o Caprichoso foi o Cel. José Furtado Belém, quando visitou a Praça 14, em Manaus, onde o boi se apresentava, em 1913. Já outra versão, diz que o Caprichoso foi fundado em março de 1925. [...] estive com Betinho Mendes na casa de Lindolfo Monteverde, o cantador maior do folclore do boi-bumbá da Ilha. Era o 5º Festival Folclórico de Parintins, havendo festa no curral do Garantido. Fazíamos uma pesquisa que publicamos no jornal *A Tribuna* em 28 de junho. Mestre Lindolfo sentou-se entre mim e Betinho, juntamente com dona Antônia, sua esposa, e passou a nos cantar a história do Garantido. *Eu tinha dezoito anos*

em 1920, quando botei, pela primeira vez o novilho que completa este ano 50 anos de existência e por isso, estou alegre. [...] O Garantido exibiu-se pela primeira vez, com 40 figuras: cantadores, caboclos, vaqueiros, pajé, Bicho Folharal, Pai Francisco, Mãe Catirina, Dona Maria e o Padre. Fundado em junho de 1920 (SAUNIER, 2003, p. 206).

Entretanto, segundo Simão Assayag são muitas estórias que se conta sobre o surgimento dos bumbás de Parintins, ressaltando que:

O boi Caprichoso teria vindo de Manaus, oriundo da praça XIV, em 1913, nas idéias do coronel José Furtado Belém. Em aqui chegando, reuniu simpatizante pra comporem o folguedo, sendo o senhor Emídio Rodrigues Vieira seu primeiro dono. [...] Existe uma em que o Garantido teria surgido de uma dissidência do Caprichoso, na qual seu amo insatisfeito teria criado o novo bumbá. E há também a versão inversa, como o Caprichoso oriundo do Garantido (ASSAYAG, 1995, p.39).

Valentin ressalta que os dois bois – Garantido e Caprichoso não têm suas histórias de fundação documentadas com precisão são poucos os documentos escritos como fontes disponíveis e as informações são orais.

[...] Acrescenta-se, ainda, o fato de que a acirrada rivalidade entre eles torna sua história propositalmente mais nebulosa: cada um quer levar para si a primazia de ter sido o primeiro e pioneiro Boi de Parintins. Vamos, inicialmente, aos fatos e mitos relativos ao Garantido, seu fundador foi Lindolfo Monteverd, pescador e agricultor, filho de marinheiro e ex-escravo maranhense Marcelo Rolim, de quem, seguramente ouvira as histórias das danças dos bois de pano da sua terra natal. [...] aos 13 anos de idade, Lindolfo já brincava de boi, ele adoeceu e fez uma promessa a São João Batista: se recuperasse sua saúde, colocaria um Boi pra dançar nas casas e ruas de Parintins, todos os anos, em junho, para o restante de sua vida. Ficou bom e, na antiga estrada Terra Santa, hoje Avenida Lindolfo Monteverde, fundou o Boi Garantido, conhecido até hoje como o ‘Boi da Promessa’. [...] E o Caprichoso? Da mesma forma com que o Garantido as versões a respeito de sua fundação são diversificadas. Começamos pela ‘oficial’, conforme relatada por Simão Assayag. Antes do Caprichoso, havia o boi Galante, primeiro rival do Garantido, criado em 1913 por Emídio Vieira, conhecido como ‘Tracajá’. Em razão de uma briga interna no Galante, Emídio se afastou da brincadeira e foi substituído pelos irmãos Roque e

Tomaz Cid, recém chegados do Ceará que teriam feito uma promessa de 'pôr' um boi caso seus empreendimentos comerciais fossem bem-sucedidos em Parintins. Eles fizeram um novo boi e o batizaram de Caprichoso, em 20 de outubro de 1913 (VALENTIN, 2005, p. 98).

Pelo que se pode perceber existe entre os grupos de Bumbás, um disputa por legitimidade. Cada um apropria-se de um discurso de que seja o genuíno representante da cultura popular. Entretanto, o que se elabora e reelabora em relação aos dois grupos está relacionado ao imaginário social do homem amazônico, marcando sua auto-afirmação e a manutenção da sua cultura.

Neste contexto o que se pode inferir sobre o surgimento da Festa do Boi-bumbá no Amazonas, a partir dos dados obtidos através das entrevistas realizadas nesta pesquisa³ e em relatos mencionados por antigos moradores da cidade, é que o auto popular da brincadeira do boi foi sendo ressignificado no Amazonas, passando a ser um ritual lúdico de rua, encenando dramas permeados de danças, cânticos, declamações e alegorias. Foi miscigenado com a cultura negra. Há que se considerar que essa apropriação do Boi-bumbá no Amazonas não ocorreu de forma aleatória, casual ou individual, mas seguindo padrões coletivos de ressignificação cultural que são identificados por meio dos artefatos ou instrumentos musicais, até mesmo por seus personagens sociais.

Assim, levando em conta as informações disponíveis pode-se ressaltar que a Festa do Boi-bumbá, assim como outras manifestações culturais, geralmente estão relacionadas com a própria formação social da população brasileira em seus diferentes contextos. Dessa maneira refletem os traços diacríticos de sua identidade cultural.

Por outro lado, os dados coletados também revelam, em certa medida, a presença de elementos da religiosidade popular, como pagamentos de promessas feitas aos santos católicos. Esses fatos são passados como registros de memória, exemplo disso é o que afirma a professora Odinéia Andrade, a respeito do Boi Caprichoso:

O Boi Caprichoso surgiu graças a uma promessa feita pelos irmãos Cid, que estavam vindo do interior do Ceará para tentar a sorte em Parintins, se eles conseguissem obter sucesso na nova terra colocariam um boi para brincar na festa de São João.

Em relação ao Boi Garantido a filha de Lindolfo Monteverde, senhora Maria Monteverde, e outros familiares afirmaram que “aos 18 anos

de idade, seu pai ficou doente e fez uma promessa a São João Batista: se ficasse curado daquela enfermidade colocaria um boi todo dia 24 de junho”, seu Lindolfo ficou curado cumprindo a promessa ao santo católico.

A esse respeito, certamente percebe-se que a Festas do Boi-bumbá reúne com frequência situações que se alternam durante seu tempo e que vão do religioso ao profano, pois sua história mostra que a festa nasceu e cresceu encontrando sua validação na fonte religiosa ligada ao catolicismo popular.

A CULTURA AMAZÔNICA E O BOI-BUMBÁ – INTERPRETAÇÃO DE UMA CULTURA MILENAR

Na cultura Amazônica apresentam-se dois amplos espaços sociais clássicos com características definidas, porém unidos através de forte articulação mútua. A cultura urbana da grande capital Manaus, onde existem trocas simbólicas intensas com outras culturas, e a cultura rural, sobretudo a do ribeirão, a qual se mantém e se sustenta apoiada nas tradições decorrentes de sua história. Nesse aspecto, destaque-se aqui a Festa do Boi-Bumbá na Ilha Tupinambarana.

A organização da festa tem na sua história a dualidade entre os dois grupos folclóricos dos bumbás rivais. Garantido e Caprichoso disputam entre si o título de vencedor do festival folclórico. Hoje em dia não existem mais tantos conflitos como em tempos passados, mas a rivalidade é tão intensa quanto antigamente.

Nos últimos anos as competitividades dos bumbás se expressam nas formas de toadas, danças, coreografias, alegorias e nas belas apresentações da cultura amazônica no bumbódromo, palco das disputas onde se apresentam as figuras do cotidiano do caboclo, da realidade do ribeirão, das tribos indígenas e do imaginário das lendas amazônicas. O que se vê é indescritível, encanta aos olhos com a grandiosidade das alegorias surgidas do imaginário dos artistas sobre os mitos e as lendas da região.

Os artistas dos Bumbás na sua maioria são parintinenses. Eles não medem esforços em sua criatividade que se supera a cada apresentação. Além das cenografias e alegorias, são também utilizados efeitos de luzes, bem como efeitos visuais com os fogos de artifício, sobretudo na entrada do Boi que surge diversas vezes e de diversos lugares, como também na entrada do Pajé. Esse é um dos momentos mais anunciados para a apresentação do ritual, com muitos fogos e efeitos especiais.

Gostaria de reforçar que a elaboração do ritual do Pajé não se faz ao acaso. Primeiramente acontece devido à disponibilidade de informações

históricas transmitidas oralmente; em segundo lugar tal produção é favorecida pela contextualização geográfica. Além disso, ocorrem também a partir de negociações entre os agentes sociais (comunidades indígenas e os organizadores da festa). Em cada momento do ritual é dada importância para certos elementos da cultura indígena em detrimento a outros, como ocorre nas escolhas entre diferentes grupos sociais a ser representado, porém é sempre um jogo dinâmico de significações. São esses os momentos que se oferecem como espaço ao conhecimento tanto dos moradores como dos visitantes, vindos de outros lugares, significando um aspecto importante da tradição que os bumbás buscam conservar.

As apresentações ocorrem em três noites com cinco horas de apresentação, sendo duas horas e meia para cada Boi. Para serem expressivos e bem sucedidos no Bumbódromo⁴ os dois grupos folclóricos contam com seus personagens tradicionais e efeitos especiais.

Cabe fazer considerações mais extensas sobre os elementos que compõem o cenário das apresentações. Colocaremos abaixo os principais personagens simbólicos e elementos constitutivos, com as descrições de suas representações:

- O próprio Boi-bumbá: personagem que morre e ressuscita durante a apresentação do ritual. Cabe ressaltar que com o crescimento da festa a própria figura do boi foi evoluindo. O Boi rígido feito de pau e pano que antes brincava nas ruas da cidade atualmente é um Boi tecnológico. A armação de madeira é muito leve e recoberta com espuma e tecido. No seu interior contém componentes eletrônicos que lhe permitem, além de diversos movimentos como mexer a cabeça em todas as direções, sacudir as orelhas, abrir e fechar os olhos, soltar fogo e fumaça pelo nariz, emitir urros e até comer sal e capim. Além disso o ‘tripa’, nome dado ao bailarino que dança debaixo do Boi, ensaia os passos e coreografia a fim de imprimir nas apresentações os movimentos da exibição do Boi. Nas exibições coreográficas a cada ano foram sendo adaptados novos movimentos, esse fato fez com que cada grupo folclórico tenha pelo menos três Bois, o que torna possível o Boi aparecer numa área da arena, desaparecer de repente para surgir em outro lugar. Por tudo isso, a confecção do Boi tornou-se tarefa delicada e complexa que envolve conhecimento e um detalhado projeto tecnológico, pois o equipamento do interno do Boi é semelhante a um teclado que o bailarino “tripa” leva preso na cintura para digitar comandos que permitirão os efeitos pretendidos e as movimentações. A entrada do Boi na arena é saudada por uma estrondosa queima de fogos, ao som das

toadas e dos grupos de percussão. Além disso, a torcida se incendia de emoção e efervescência. Porém, quando um Boi está se apresentando não há qualquer manifestação da torcida do outro Boi, os torcedores permanecem em total silêncio. Previamente, cada torcida é ensaiada e os torcedores recebem Kits com bandeiras, chapéus e até lanternas coloridas que serão usados durante a apresentação do ritual;

- Apresentador: Mestre de cerimônia que comanda toda apresentação do Boi na Arena. É o personagem que narra o drama da morte do boi e presta uma homenagem ao bumba-meu-boi do Maranhão;
- Levantador: Canta e interpreta as trilhas sonoras das toadas. Traja roupas típicas do cantador do Maranhão;
- Batucada do Boi Garantido e Marujada de Guerra do Boi Caprichoso: grupos de músicos que fazem parte da bateria que acompanha as batidas e ritmos das toadas. Os instrumentos musicais da Batucada e da Marujada são compostos por tambores indígenas, matracas ou palminhas, surdos de marcação, contra-surdos, xeques-xeque, maracás, caixas, agogôs, cuícas, ganzás. Foram incorporados também o charango andino e outros instrumentos eletrônicos, como baixos, teclados e guitarras. Cada Boi tem aproximadamente 500 integrantes em seus conjuntos de instrumentos;
- Amo do Boi: personagem que exalta com versos épicos o boi e o chama para bailar. No auto do boi original, o Amo do Boi é o dono da fazenda, é quem fica triste com a morte de seu boi querido;
- Sinhazinha da Fazenda: personagem que representa a cultura branca européia estilizada com longos vestidos rendados. É a filha do dono da fazenda. Além de dançar, costuma acariciar o Boi e dar-lhe sal;
- Pai Francisco e Mãe Catirina: personagens que representam a cultura negra.

É conveniente frisar que esses dois personagens fazem parte do tema central do auto popular do bumba-meu-boi que veio do Nordeste para o Norte, trazido pelos migrantes do ciclo da borracha. O precioso boi mítico, em torno do qual um vasto universo simbólico ganha forma. Uma representação dramática assim explicitada: (Pai Francisco e Mãe Catirina representados como negros escravos de uma fazenda). Ela, grávida sente vontade de comer língua de boi e pede ao marido para matar o melhor boi da fazenda, o preferido do amo. Pai Francisco, não encontrando alternativa, com medo que a mulher perca o filho, obedece aos seus desejos, resolve roubar o boi para lhe tirar a língua. O fazendeiro percebe a falta do boi e manda o vaqueiro chefe investigar o ocorrido.

O crime é descoberto e chamam-se os índios para ajudar na captura de Pai Francisco. Trazido à presença do fazendeiro, ele é ameaçado de punição. Na história original, com auxílio de personagens que variam entre um médico ou um padre, acabam ressuscitando o boi, mas em Parintins, a história se adaptou ao folclore indígena e quem ressuscita o boi é um Pajé. Dessa forma, remete ao entendimento que a ressurreição do boi, por sua vez, parece sempre simbolizar a instauração de uma nova ordem social. Além disso, essa dramatização atesta sua força como dispositivo simbólico capaz de se adaptar a diferentes contextos particulares. Nessa compreensão, pode-se perceber que interação de modo tenso e cheio de ambivalências, categorias étnicas e sociais básicas da história do Brasil: o branco, o negro e o índio;

- Lendas Amazônicas: figuras de seres encantados da floresta e dos rios que se apresentam em grandes alegorias e se movimentam na arena. Como uma das temáticas principais nas apresentações, as lendas sintetizam a cultura amazônica. Ressalta-se que é comum atribuir dupla personalidade a certos elementos da flora ou da fauna. Destacamos uma lenda como expressão dentre as tantas que são apresentadas: “O Boto”: acredita-se que os botos se originaram do bicho Anta, que foi morto e a sua carne foi comida pela mulher e os filhos que ela teve viraram botos, por isso a bota se assemelha à mulher em suas partes íntimas. A lenda amazônica também conta que o Boto vermelho, quando em noite enluarada, transforma-se em homem e usando um chapéu (que é para disfarçar dois orifícios que tem na cabeça), sai à noite pelas festas do interior para namorar as moças do lugar. Antes do amanhecer ele desaparece misteriosamente. Dizem que é porque ganhou novamente sua forma de Boto e mergulhou profundamente nas águas dos rios. Há diversas versões da lenda e relatos de superstições em torno do Boto na região Amazônica. Neste sentido, cabe aqui enfatizar que nos rituais da magia nativa ou da pajelança, os órgãos sexuais do boto, tanto do macho quanto da fêmea, possuem propriedades afrodisíacas. Eles podem ser facilmente encontrados no mercado. Além disso, também em muitas barracas especializadas de ervas e plantas amazônicas é comum encontrar os olhos do Boto, que possuem qualidades talismânicas. Segundo os que fazem uso e os que vendem esses produtos, é o olho direito do Boto que é portador das propriedades mágicas. As lendas e os mitos sinalizam para alguns traços da cultura local, caracterizada por uma relação muito estreita dos seres humanos com a natureza. Assim, muitas lendas amazônicas enfeitam as apresentações na arena como:

Mãe d'água, uma bela mulher cujo canto enfeitiça e atrai os jovens para o fundo dos rios ou lagos; Juma, um índio de físico avantajado com altura de três metros, que vaga pelas florestas; Jurupari, ser que vive no Alto Rio Negro, para os indígenas é considerado com uma personificação do demônio; Mapinguari, é o mais assustador dos seres da mata, muito temido pelos caçadores, pode atormentar com gritos ou pedidos de ajuda e atacam os que se aproximam. Parece um macaco gigante, ereto sobre duas pernas, tem só um olho no meio da testa e uma boca gigantesca que se estende até a barriga. É mais fácil escapar dele se o vento estiver soprando de forma favorável, pois tem um cheiro horrível que dizem sair de um buraco no ventre. Quando ele sente cheiro de carne humana, grita, derruba árvore e danifica tudo que encontra em seu caminho; Curupira, espécie de duende da floresta que judia do caçador, fazendo-o perder o caminho. Tem os pés voltados para traz; Cobra Grande chamada também de Baiúna, a lenda conta que ela aparece nos rios e lagos em forma de navios iluminados, seus olhos são dois faróis que encandeiam os navegantes; Negrinho do Campo Grande, duende da floresta que ataca aqueles que perseguem os animais; Bicho Folharal, monstro formado de folhas verdes, que habita nos lagos e assusta os pescadores. No conjunto folclórico das lendas e mitos, vale ressaltar que é comum a confusão entre o que é mito e o que é lenda, ambos se misturam nas apresentações. Porém, são esses elementos que enriquecem o sentido da cultura amazônica. As criaturas mágicas que habitam a floresta, os seres que vivem entre ervas milagrosas, em águas profundas, no ambiente silencioso da mata habitada por monstros e criaturas sagradas, tudo misturado em que não se distingue mais onde começam as lendas e onde termina a realidade. Dessa forma, as lendas e os mitos são tratados como explicação sobre a força da natureza ou sobre a condição humana articulados em torno do homem, natureza e sociedade.

- Porta Estandarte: personagem estilizada de índia que carrega a bandeira do símbolo do Boi;
- Rainha do folclore: personagem que representa a cultura e a beleza da mulher amazonense;
- Cunhã-Poranga: personagem que representa a beleza da mulher nativa.
- Tuxauas: personagem que representa o chefe de uma tribo. Em geral usa o cocar na cabeça e um peitoral trabalhado de miçangas e várias sementes;
- Pajé : personagem que representa o líder espiritual das tribos. Quando

o pajé entre em cena acontece uma explosão de fogos. É o momento esperado para então começar o ‘ritual’. Principal momento da aparição do ‘pajé’, e culminância de cada apresentação.

- Tribos Masculinas e Tribos Femininas: personagens que representam as tribos nativas da região. As tribos indígenas são grupos estilizados de centenas de brincantes que desenvolvem coreografias detalhadas. Em geral usam braçadeiras e tornozeleiras de várias penas; para completar o traje usam arco e flecha. De acordo com a observação feita e as informações recebidas, às apresentações das coreografias e das roupas das tribos são trocadas a cada ano, para uma nova apresentação.
- Ritual: dramatização teatral do ritual da pajelança xamânica com o objetivo de ressuscitar o Boi;
- Galera: são os torcedores dos Bumbás que participam do ritual com suas coreografias organizadas;
- Vaqueirada: grupos estilizados de vaqueiros montados em cavalinhos de tela e pano, que dançam em círculo ao som e ritmo das toadas em volta do Boi.

Atualmente em Parintins os dois bois são responsáveis por centenas de empregos diretos e indiretos. Cantores, compositores, artesãos, costureiras, motoristas, administradores, ritmistas e uma série de outros trabalhadores que se empregam com o festival folclórico da cidade.

O Boi Garantido é conhecido também como o “Boi do Povão”, atualmente ele não representa apenas uma paixão com seu símbolo emblemático na forma de coração, para muitos parintinenses, entretanto, é importante também como fonte de sustento.

O Boi caprichoso é conhecido como Diamante Negro, por causa de sua cor, é tido como um Boi de elite principalmente pelos admiradores do boi Garantido. Os diretores respondem as provocações de ser um Boi de elite dizendo que essa rivalidade é ótima para os dois, porém preferem falar de trabalhos como a escolinha de arte do Caprichoso. Um trabalho social que tem hoje 800 alunos, estudando artes cênicas, danças, pinturas, música e escultura. Na sua grande maioria, as crianças beneficiadas são de famílias carentes. Algumas já estão participando da confecção das roupas para itens da apresentação do Boi.

O Caprichoso é responsável por muitas inovações no festival como a utilização de novos instrumentos musicais ou a própria maneira de apresentar o Boi na arena.

Estrategicamente a preparação para realização do evento envolve seis meses de atividades, iniciando-se com a escolha das toadas e definição

dos temas a serem apresentados pelos bumbás. Em 2008, os dois bumbás lançaram na arena o tema sobre a preservação da Floresta Amazônica, o Boi Caprichoso apresentou o tema “O futuro é agora” o qual o outro apresentou “Garantido - o boi da preservação”.

Ambos falaram da região, do lendário, da mitologia e da teogonia dos povos ancestrais. Ambos lançaram um grito de alerta em defesa deste pedaço do planeta, como um lugar guardião da vida que precisa ser entendido, respeitado e acima de tudo valorizado como fonte do conhecimento de um manancial imprescindível da biodiversidade no planeta, propondo que esta seja a bandeira da humanidade.

Importa enfatizar que nas apresentações do ano de 2008, ambos os bumbás fizeram um apelo cantando nas toadas homenagens às nações indígenas dizimadas a partir do século XVI, quando da ocupação da Amazônia pelos países ibéricos.

Constata-se nas duas toadas que os grupos dos bumbás vêm expondo seus gritos de alerta pela preservação da ambiência amazônica. Desta forma, durante as três noites de apresentações do folclore popular da região, ambos os bois conclamavam o engajamento de todos para uma tomada de consciência em relação à região defendendo sua imediata preservação. Acreditando que os ensinamentos deixados pelos índios e caboclos na relação “homem e natureza” com seus mistérios e conhecimentos nativos podem servir de modelo de consumo de sustentabilidade e preservação ambiental. Porém, a insensatez desvairada dos gananciosos insiste em destruir todo esse ecossistema amazônico.

O tema enfocado era um convite a se pensar, não apenas na preservação e conservação da floresta, mas também, sobretudo dos povos da floresta, dos caboclos e dos índios. Nesse caráter de consciência, cabe lembrar que desde a fase colonial as decisões com relação ao destino da Amazônia, em geral, foram decididas sem levar em consideração as populações tradicionais da região que geraram violência, impactos sociais e desequilíbrios ambientais ao longo do tempo.

IDEIAS CONCLUSIVAS

Pelo que acabamos de mostrar, no misto de festa e de denúncia apresentado pelas representações dos bumbas, em Parintins, revela-se um processo simbólico potencializado pela cultura popular, uma manifestação tensa e intensa tão característica do folclore brasileiro. Por outro lado, permite que a cada ano os dois grupos folclóricos dos bumbás Amazônicos, apresen-

tem na arena de uma pequena cidade do interior do Amazonas, por meio da linguagem da mais bela arte: falar sobre os dramas de vida e de morte do povo amazônico através da música, do canto, das coreografias e da dança.

O ponto mais atraente das apresentações foram em torno dos rituais indígenas, quando dezenas de tribos representaram com suas diferentes vestimentas, danças e pintura corporal contando a saga das nações indígenas que saíram do litoral buscando o refúgio da mata amazônica.

Essa construção permeada de representações simbólicas implica sempre em significações e ressignificações de significativos aspectos da cultura popular daquela região, representando pontos de ruptura e alterações de diferentes contextos étnicos e sociais. Podemos constatar, de acordo com Rodrigues (2006) que aos poucos o auto popular da brincadeira do boi ao chegar ao Amazonas houve adaptações ao contexto local, constata o autor que: “uma tragicomédia protagonizada por personagens como os dois negros: Pai Francisco e Mãe Catirina, foram perdendo espaço para encenações de rituais e lendas indígenas da região”, nessa nova ordem é obvio que as identidades culturais sofrem influência. Por meio das recriações do cotidiano do homem amazônico e apelos pela preservação da floresta esse evento cultural expressa, portanto, a presença de uma relação íntima entre seres humanos entre si e entre estes e a natureza da região.

THE FESTIVAL OF BOI BUMBA AND THE REPRODUCTION OF POPULAR CULTURE

Abstract: the text presents a description of the history of the Festival of the Ox in the city of Parintins - State of Amazonas, related cultural and religious traditions in Brazil. For this reason, it presents an approach to the symbolic elements of this feast of popular character, tries to show that syncretism is a form of cultural resistance in which, with distinct elements, establishing new cultural forms.

Keywords: *Party Boi-Bumba. Popular Culture. Cultural Traditions.*

Notas

- 1 Parintins: Interior do Estado do Amazonas que é o palco da festa do Boi-bumbá localizado no arquipélago das ilhas tupinambaranas no rio Amazonas.
- 2 Revista Diálogo Ano XIII - nº50 editora Paulinas – Matéria pública como subsidio pedagógicos para a disciplina de Ensino Religioso, apresentando o

Boi-bumbá de Parintins – Amazonas como uma variante regional do folguedo do boi no Brasil. Conhecido no Maranhão: Bumba-meu-boi; no Espírito Santo: Bumba-de-reis; na Paraíba como: Cavalo-marinho; no Rio Grande do Norte: Boi-calemba; em Santa Catarina: Boi-de-mamão; no Rio de Janeiro: Boi-pintadinho, no Ceará: Boi-surubim.

- 3 Entrevistas realizadas na cidade de Parintins, com a historiadora parintinense do Boi Caprichoso e professora Odinéia Andrade e também com familiares do folclorista Lindolfo Monteverde (fundador do Boi Garantido)
- 4 O Bumbódromo palco da apresentação e da disputa, também é chamado de Arena tem capacidade para 35.000 mil pessoas. É dividido nas cores dos respectivos Bois: Azul e Vermelho; além das divisões das cores suas arquibancadas são divididas: Geral e Gratuita - arquibancada para turista, cadeiras numeradas, camarotes e tribuna de honra. Para atender as necessidades da comunidade local nas dependências do Bumbódromo funcionam Escolas, Centro de Capacitação e um Posto Médico.

Referências

ASSAYAG, Simão. *Boi-bumbá: festas, andanças, luz e pajelanças*. Rio de Janeiro: Funarte, 1995.

_____. *Caprichoso, o boi de Parintins*. Manaus: Novo Tepo, 1997.

Associação Folclórica Boi-Bumbá Garantido. *Mitos, cultura e Arte*. Parintins/Am - Biênio 1999/2000.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. *Os Bois-Bumbás de Parintins*. Rio de Janeiro: Funarte e Editora Universidade do Amazonas, 2002.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. Manaus: Valer, 1999.

BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. *O poder simbólico*. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

CD, Um projeto Visual. SEC; DEMUS; ACRÍTICA: Parintins, 2008.

MEDINA, Sinval Freitas, *Dicionário de história da Civilização*. Organizado sob a direção do Prof. Álvaro Magalhães, Editora Globo 1969, 1973. Porto Alegre.

PIAZZA, Waldomiro O. *Religiões da Humanidade*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

ROCHER, Guy. *Sociologia geral*. Trad. Ana Ravara. Lisboa: Editora Presença, 1971.

RODRIGUES, Alan S. Barreto. *Boi-Bumbá evolução*. Manaus: Editora Valer, 2006.

SAUNIER, Tonzinho. *Parintins: Memória dos acontecimentos históricos*. Manaus: Editora Valer; Governo do Estado do Amazonas, 2003.

VALENTIN, Andréas. *Contrários: a celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins*. Manaus: Valer, 2005.

* Recebido em: 02.02.2011.
Aprovado em: 12.02.2011.

** Mestra em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Professora na Secretaria Municipal de Educação em Parintins. *E-mail*: rosaciom@ig.com.br